

***Paris, te amo:***  
**as 18 formas de amar**

Hallita Amorim<sup>1</sup>

Reunindo um total de 18 curtas-metragens, *Paris, te amo* (“*Paris, je t’aime*”, 2006) traz um formato inovador de se fazer cinema, abordando histórias paralelas ambientadas na romântica Paris. Diretores consagrados como Alfonso Cuarón, Tom Tykwer, Olivier Assayas, Frédéric Auburtin, Gérard Depardieu, os irmãos Coen, Wes Craven e o brasileiroíssimo Walter Salles foram desafiados a abordar o amor nas suas mais diversas formas, seja o amor entre pais e filhos, entre pessoas do mesmo sexo, casais jovens, casais em crise no casamento e, em especial, o amor pela cidade francesa (sintetizado de forma magistral em *14ème arrondissement*, último curta do filme, dirigido pelo americano Alexander Payne).

O projeto contou com um elenco de peso, incluindo nomes como Natalie Portman, Maggie Gyllenhaal, Elijah Wood, Melchior Beslon, Gena Rowlands, Bruno Podalydès, Catalina Sandino Moreno, Seydou Boro, entre outros, numa produção realizada não só na própria França, mas também na Suíça, Alemanha e Liechtenstein.

Cada segmento leva como título o nome de um “arrondissement” (divisões administrativas existentes em alguns países de língua francesa) de Paris. Inicialmente, o filme constituiria 20 curtas, cada um correspondendo a um *arrondissement*, mas por problemas internos da produção, dois deles tiveram de ser excluídos da edição final.

O que mais impressiona no longa é o quanto a diversidade de olhares conseguiu formar um todo tão coeso. São histórias bem diferentes entre si, mas que se completam. Algumas tendem para o cômico (como por exemplo, o segmento “Tuileries”, de Joel e Ethan Coen), outras têm em caráter melodramático (“Place des Victoires”, de Nobuhiro Suwa), sendo que a passagem de uma para outra é sempre ilustrada por belas imagens da “Cidade Luz”.

Um dos temas fortemente presentes no longa é o multiculturalismo. Em “Quais de Seine”, segundo segmento do filme, um rapaz se encanta por uma garota árabe, enquanto seus amigos a vêem com maus olhos e o deboçam. Ele a segue até a

<sup>1</sup> Aluna da Graduação do Curso de Comunicação Social da UFPB, habilitação Jornalismo e integrante do Grupo de pesquisa em Ideografias globais: novas linguagens midiáticas.

mesquita, onde ela se encontra com o avô. Primeiramente, o rapaz fica com receio de se aproximar, com medo do senhor interpretá-lo mal.

Contrariando o que o rapaz imaginava, o avô da garota parece recebê-lo bem, pois o convida para acompanhá-los. É aí que ele comenta que a moça pretende estudar para ser jornalista e, assim, falar da *sua* França (ênfaticamente aí o olhar da França sob a óptica do imigrante, que sofre preconceito e procura adaptar-se a um meio tão diferente). A “união de culturas” também fica evidente, de forma mais simbólica, quando o rapaz usa o termo “Inch Allah” (o equivalente a “se Deus quiser”). Tudo isso é embalado por uma trilha sonora árabe, ilustrando mais uma vez o multiculturalismo.

Este fator é abordado de forma cômica no segmento seguinte, “Le Marais”. No curta em questão, um rapaz em uma empresa de impressão gráfica começa a “cantar” um dos funcionários, que permanece todo o tempo imparcial. Só no fim é revelado que o funcionário não fala bem francês e, portanto, não entendera o que o rapaz estava falando, havendo, assim, uma situação totalmente inesperada por parte do espectador.

Em “Tuileries”, há um combate entre culturas, mais uma vez abordado de forma cômica, quando um turista provoca a ira de um rapaz francês que achava que ele estava olhando demais para sua namorada.

Um dos curtas que merece uma atenção especial chama-se “Parc Monceau”, de Alfonso Cuarón. Nele, uma jovem e um homem de meia-idade caminham por uma calçada enquanto conversam (vê-se o uso do *plano-sequência* – não há cortes de planos – e do *travelling*, pois a câmera acompanha todo o trajeto dos dois). Há embutido também o conceito de *paralipse*, que consiste em dar menos informação do que a focalização permite, para só depois a verdade ser revelada. Esse aspecto é muito forte em “Parc Monceau”, pois o espectador tende a acreditar que o “Gaspard” de quem os dois falam é o marido da moça, enquanto o senhor mais velho seria um possível amante.

Só no final é revelado que se trata de pai e filha, e que Gaspard é o filho recém-nascido da moça. Podemos falar também nesse caso, dos conceitos de *leitura prospectiva* (quando tentamos atribuir um sentido narrativo ao que ainda não foi explicado, por meio de hipóteses) e *leitura retroativa* (quando já podemos confirmar ou refutar nossas hipóteses).

O conceito de *paralipse* também pode ser encontrado no magnífico “Faubourg Saint-Denis”, quando pensamos que a garota terminou o namoro com Thomas, mas no fim é revelado que ela apenas estava ensaiando para um teste. O curta também faz uso

do *flashback*, ao mostrar as lembranças do protagonista e sua reflexão acerca de seu relacionamento com a garota. O foco narrativo está situado no próprio protagonista, sendo ele um narrador-personagem (podemos falar de *narrador homodiegético*) com o uso do recurso da *voz over* (quando o som não é *diegético*, a fala do personagem não corresponde à ação que se desenrola naquele momento). É interessante o modo como o diretor Tom Tykwer abordou o “esfriamento” do relacionamento do jovem casal ao mostrá-los em vários locais, inicialmente abraçados e, com o desenrolar da narrativa, foram se afastando, até o momento em que as locações foram mostradas sem a presença dos dois. Além disso, foi feita também uma analogia com as estações do ano.

O uso do *flashback* também se faz presente em “Place des Fêtes”, no qual um homem se apaixona por uma paramédica (esse recurso é usado para ilustrar as lembranças do homem de quando conheceu a moça). A narrativa vai e volta no tempo, usando a música que o homem costuma cantar como conexão. Há também um breve uso da *câmera subjetiva* ao mostrar os prédios ao redor da praça, como se fosse o olhar do homem (a câmera subjetiva também é encontrada em “Loin Du 16e”, quando é mostrado o que a babá observa pela janela enquanto, distraidamente, faz o mesmo gesto que fizera para seu filho de forma automática; e em “Pere-Lachaise”, quando o rapaz observa a imagem de Oscar Wilde sumindo) em *contre-plongée*.

Além desse episódio, encontramos *flashback* em “Tour Eiffel”, que explica como o casal de mímicos se conheceu sob o ponto de vista de seu filho; e brevemente em “Bastille”, quando o médico entrega à mulher o resultado de seus exames.

Ainda falando de “Bastille”, o episódio mostra brilhantemente a renovação do amor. Um homem desiste de abandonar sua esposa depois de descobrir que ela estava com câncer. Com o uso da *voz over* para o narrador em 3ª pessoa, são apresentadas algumas características da mulher e como seu marido voltou a se encantar com cada particularidade dela. Essa é apenas uma das várias facetas do amor apresentadas ao longo do filme.

“Place de Victories” apresenta a história de uma mãe que ainda sofre com a perda recente de seu filho. Temos a presença do *flashforward*, ao mostrar uma estátua de um cavaleiro no início enquanto a mulher fala de cowboys, ao se lembrar de seu filho (mais adiante, a morte é personificada na figura de um cowboy). Também temos *flashback*, nesse caso, quando a mulher imagina ouvir a voz de seu filho morto e o vê brincando com outras crianças.

Para finalizar, falemos de “14ème arrondissement”, último e, provavelmente, mais importante curta-metragem, pois resume a idéia central do filme. Nele, uma turista americana descreve, de certa forma melancolicamente, suas férias na capital francesa (através da *voz over*), em um formato muito semelhante ao de um documentário. Ao sentar-se num banco de um parque (mais uma vez, o uso da câmera subjetiva mostrando que a turista vê casais e crianças brincando), ela diz sentir-se viva e que, naquele exato instante, havia percebido que amava Paris e que Paris a amava.

É dessa forma, bonita e simples, que *Paris, te amo* chega ao fim. Com uma declaração de amor à Cidade Luz, que serviu de ambiente para tantas histórias de amores diversos, abordadas sob o olhar de cineastas de todas as partes do mundo, o longa se encerra de maneira extremamente sensível. É ao fim desse bombardeio de belas histórias que percebemos, assim como a adorável turista do último segmento, que é simplesmente impossível também não se apaixonar por Paris.